

COLETIVO SEM TÍTULO(S)

por Zé Rui Pardal Pina

Teorizar o trabalho coletivo académico e intelectual é uma tarefa assaz complicada. As dinâmicas de grupo são muito diversificadas mediante os contextos e os intervenientes. Ainda assim, há padrões que ressaltam e podem ser isolados e servem de suporte a uma gestão que se afigura não raras vezes esdrúxula.

O que é um trabalho de grupo, ou um coletivo? Quantos elementos pode ter para o seu funcionamento ser exemplar? O bom senso diria não mais de quatro. Cinco, exequível. Seis, talvez, mas haverá sempre um cuja tarefa será difusa, como difuso se tornará igualmente o seu desempenho. Dezasseis? Uma multidão...

A ideia inicial de separar uma multidão em vários grupos pequenos, aparentemente, funciona. Um pragmatismo necessário obriga a isso. Mas é aparente, pois que a regra entre indivíduos com alguma experiência e idade é manifesta num ego que, muito legitimamente, com certeza, se conquista com o tempo e se vai assoberbando ao ponto de se tornar inflexível. Cinco indivíduos são cinco egos. Vezes três. E ego, aqui, não deve ser interpretado como algo depreciativo, sendo que, todavia, pode ser encarado com algum humor acompanhado de crítica. Até certo ponto, todos se tornam inflexíveis e, a bem da consciência de cada um, se vá substituindo ego por amor-próprio para não entrarmos em demasiado desacordo com a nossa consciência... (Amoroso.) Algo que Peter Sloterdijk chamaria de *falsa consciência*.

As primeiras discussões em grupo refletiram logo as primeiras complexidades: um começa, os outros calados ouvem; sem apreciação, o próximo regurgita as suas impressões; sem justificações cabais, outro se insurge; e assim sucessivamente, como numa velha ladainha. *Vencem* as

ideias dos egos maiores se uma gestão e uma repartição de várias propostas, por uma segunda pessoa, não se impuser e, assim, preencha um vazio criado por uma sensação de perda entre os restantes amigos.

As coisas percebem-se que estão a falhar quando houve quem falasse num aborto... a uma mulher grávida. Fazer a exposição do ponto de vista de um feto abortado. (Podia ter sido um feto de Boston *Nephrolepis Exaltata*, mas não: era mesmo a criatura em gestação. Em conversa com uma grávida. Alguém terá ficado verde quando se apercebeu de toda a situação.) Aborto e grávida não conjugam. Outro queria fazer sob o ponto de vista de um chimpanzé, de um macaco, o animal proto-humano. Palavras disparadas: Manifesto Anti-Dantas, multimodal, mapeamentos – outra vez –, geografias – outra vez –, *emojis*, novílingua... Um *pot-pourri* gasto de ideias desconexas. Depois as decisões. Quem decide? Como se decide? Votação é sempre o mais democrático, mas nem sempre o melhor. Tem que se saber influenciar decisões se um dos elementos acreditar que a sua razão é a mais completa e ajuizada. Parece maquiavélico, mas, por vezes, é necessário. E se os colegas se demitirem do ato decisório? (Um grupo juntou-se à esquina de uma comprida avenida a decidir. Avenida acima, avenida abaixo, queriam um restaurante para jantar. A curadoria do espaço e da ementa era incerta e demorou-se uma hora e meia para decidir, três quilómetros percorridos por corpos exaustos.)

O desespero compreende-se nos silêncios de cada um. Grandes momentos de silêncio anunciam uma vontade de abandono. *Vencem* os que falam mais... (E os que tomam B12 às colheres.)

Quando se percebe que há um descontentamento entre grupos e as sugestões parecem alienígenas a qualquer um – como algo que veio de fora e foi imposto, mas que, na verdade, foram os próprios grupos que geraram – uma revisão pode ser feita agora entre todos os elementos de todos os grupos.

Depois do aborto e da *mãe a haver* em fuga, uma assinalável curiosidade aconteceu: os egos mostraram-se inversamente proporcionais ao tamanho dos grupos: aqueles são tão maiores quanto menores forem estes. Num grupo de muitas cabeças, os egos diluem-se em prol de um ego larval coletivo e aí tudo parece correr melhor.

Nasce, pois, a ideia, agora vinda de todos, concordada por muitos e com algum natural absentismo de poucos. *A Ideia*. A autoria d'*A Ideia*. A paternidade ideológica d'*A Exposição*. Eis o que incomodava todos e o que todos almejavam reclamar como seu e que, em grupos pequenos, era tão evidente.

Ultrapassado este processo, cristalizados o tema e *A Ideia*, uma nova segmentação em grupos foi encetada, desta vez para os trabalhos expositivos. Mas, como a vertente autoral nestes campos era já reduzida porque se esgotara praticamente na parte principal do tema, tudo correu com a maior fluidez.

Até perceber-se, afinal, que ninguém estava certo do que era o tema, uma vez que este só estaria cimentado quando a disposição das obras fosse concluída. E poucos se entendiam no discurso que vinha dessas obras e nos dispositivos e instalações a criar!

(Chapinhámos, nadámos e patinámos olímpicamente na maionese.)

A vontade totalizadora e autocrática presente em cada um, ainda que com nuances e tonalidades distintas, encara a ideia de coletivo com suspeição. Contudo, a elaboração de uma exposição, de um evento, é um trabalho de matriz coletiva. A abrangência de tarefas é incomportável para uma só pessoa e para dois é também muito. Importa, pois, que cada um se dedique a uma atividade para que o curso da atividade maior aconteça.

Resta a questão da liderança. Quem lidera? A rainha da bateria. Mas, num coletivo com tantas rainhas, nenhuma se impôs determinantemente ao ponto de se poder nomeá-la. E é aqui que se percebe que o coletivo realmente funcionou democraticamente, sem delegações forçadas das tarefas e em que todos assumiram para si o que gostariam realmente de fazer.

Não se consegue ter exatamente uma noção clara de como as coisas funcionaram. Noutro tempo, com outras pessoas, o coletivo podia ter tomado direções francamente sombrias.

A lição que se tira é um tanto ou quanto básica e trivial. O que importa sublinhar é, pois, que cada um deva conseguir resistir a impulsos intempestivos e saiba gerir o seu ego e a sua experiência, pensando no próximo e nas hipotéticas sensações de perda. Não num ponto de vista de condescendência cristã, mas na base de que o argumento do outro pode ser tão válido quanto o nosso, mesmo com uma argumentação insuficiente, e ver o que se pode aproveitar dele. Porque todos os contributos são bons, todos os contributos são desejáveis num coletivo democrático.

E mais que tudo: saber rir!